

Parte II:

Peirone, Frederico José
A tribo Ajaua do Alto Niassa (Nocumbique) e alguns aspectos da sua problemática neo-Islâmica.
Estudo Niniivina, I. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar, 1967.

PEIRONE, J. F. — *A Tribo Ajaua do Alto Niassa*

nam a família do morto até à palhota. As pessoas íntimas do falecido manifestam o seu luto cobrindo um pouco a cara, falecido manifestam o seu luto cobrindo-se um pouco a cara, quer sejam homens, quer sejam mulheres.

- w) Na palhota do morto haverá a apresentação dos pêsames: aperto de mãos; levar as mãos à cabeça e ao coração; abraço com uma fórmula sagrada, etc.
- z) Passados três dias, os familiares do morto convidam todos a tomarem parte num banquete fúnebre (se tiverem dinheiro para isso, doutra forma são dispensados), que se realiza no limiar da porta de casa do morto, mas nunca dentro. É um rito pagão que o Islão não conseguiu apagar, consistindo num sacrifício, pela alma do morto, de uma galinha, cabrito ou ovelha, que são manducados com papas de milho. Geralmente os convivas são uns cinquenta. Esse festim repete-se, em forma mais simples, no sétimo dia e, em forma solene, no trigésimo ou quadragésimo dia da morte. Depois disso, tudo volta à normalidade⁽⁹³⁾,⁽⁹⁴⁾.

Passados trinta dias após o enterro do fiel muçulmano, realiza-se a cerimónia *s a d a q a* (do verbo árabe *sadaq* = ser amigo).

(93) Nada há de escrito acerca das cerimónias fúnebres islâmicas entre os Ajauas. Com os elementos obtidos in loco pude estruturar o esquema apresentado, que, embora possa não ser exacto em todos os pormenores, corresponde com fidelidade àquilo que ao comum das cerimónias.

Para confirmação do texto das orações, cf.:

MOULANA MOHAMMED ABDUL ALEEM SIDDIQUI — *Elementary teaching of Islam*, 3 ed., Buzmi Ikhwanus Saffa, Durban, Natal, S. Africa, 1965

ABDUL ALEEM SIDDIQUI QADIRI — *A short catechism on the first teachings of Islam*, 2 ed., *The Moors Islamic Cultural Home*, Colombo, 1965.

MAULANA ABDUR RAHMAN TARIQ — *Namaz with english translation*, Seraj Co., Kashmiri Bazar, Lahore, 1964.

PRINS, A. H. J. — *Ob. cit.*, p. 105.

(94) Cf. figs. 32 a 35.

E
o islã
pagão:
N
não p
mapiri
M
tra na
ele, vi
A
os cor
Por ve
fúnebr
novida
no cer
anjos
altura,
mualiv
E
deitam
obtido
O:
um pá
O:
de \$50
A
cafetei
presen
sadaqa
nuncia
Pa
Maome
radas.
dança

É uma cerimónia que se encontra, mais ou menos igual, em todo o islão moçambicano, e contém elementos muçulmanos e elementos pagãos.

Nesse trigésimo dia, vão as mulheres da aldeia com a *mapira* ainda não pilada, para a palhota do finado. Durante todo o dia pilam a *mapira*, até à chegada dos convidados, por volta das dezassete horas.

Mais tarde chega à palhota o *mualimo*-chefe (*xehé*), que se encontra na aldeia mais importante, onde há a mesquita da sexta-feira. Com ele, virão aos poucos os outros *mualimos* também.

As pessoas da família do morto sentam-se em círculo, e falam com os convidados que estão à espera da oração. Acendem-se fogueiras. Por volta das 24 horas colocam-se esteiras no chão e começa a oração fúnebre que continuará até às duas horas da noite. Não há nenhuma novidade na oração: repetem-se as fórmulas que tinham sido recitadas no cemitério quando se realizara o enterro, menos a invocação aos *anjos da morte*, por não ser precisa, pois o muçulmano devoto, nesta altura, já estará julgado. Os presentes respondem às fórmulas do *mualimo* sempre a mesma palavra: *a m i n*.

Em seguida, dentro de uma lata que se encontra ao pé do fogo, deitam brasas, ou incenso, que foi comprado nas lojas da aldeia, ou obtido da árvore do incenso por meio de uma excisão na casca.

Os vários *mualimos* sentam-se sobre as esteiras, em redor de um pátio.

Os presentes lançam as suas ofertas na lata: as ofertas podem ser de \$50, de 1\$00, de 2\$00 ou até mais.

Acabada esta cerimónia, passa um rapaz — *sawsi* — com uma cafeteira — *pirika* — na mão, da qual derrama água sobre as mãos dos presentes. Inicia assim o banquete fúnebre, ou a parte central da *sadaqa*. Comem-se papas de milho, come-se a galinha (não sem ter pronunciado a fórmula sagrada do *bismillahi*); os mais ricos comem arroz.

Passada uma hora, segue-se a primeira dança em honra do profeta Maomé. Acabada a dança, todos dormem umas horas, em esteiras separadas. Quando desposta a alvorada, há a segunda dança da *sadaqa*, dança de propiciação.